



Instituto de Arte Contemporânea

**Um  
presente  
que vale  
por mil  
palavras**

Quando você dá um presente, o mínimo que você espera é ser útil e lembrado. Com Parker você tem várias maneiras de ser muito útil e muito lembrado. As esferográficas custam desde 12 cruzeiros. Escrevem macio, sem falhas. E cada carga dura até cinco vezes mais que uma esferográfica comum. Com 24 cruzeiros você já pode fazer um tremendo charme, dando uma caneta-tinteiro Parker. Ela faz uma letra bonita, suave, porque a pena se adapta à sua maneira de escrever. É fácil de abastecer com tinta Super-Quink em cartuchos ou em vidro. As esferográficas, as canetas-tinteiro e os jogos Parker são lindos, práticos, e têm mil cores e modelos diferentes. Comece a dar Parker a todo mundo que você gosta.

 **PARKER**

A caneta mais desejada do mundo.  
Parker Pen do Brasil - Ind. e Com. Ltda. - São Paulo

## Enfim, a venda

Mais uma vez, os sociólogos poderiam dizer que a sociedade é um avestruz organizado que acaba consumindo, também, as manifestações que pretenderam um dia contestá-la.

Desde a semana passada, a Galeria Ralph Camargo (São Paulo) expõe — e vende, é claro — quarenta guaches antigos de Hélio Oiticica, o mais famoso, polêmico e coerente dos vanguardistas brasileiros. Com esta exposição, porém, não é apenas a obra individual de Oiticica que volta à berlinda. É sobretudo a própria vanguarda brasileira dos anos 60, que começa neste instante a ser assimilada pelo mercado. Trata-se de um fenômeno importante — mas que não chega a espantar. A vanguarda brasileira não haveria, por certo, de ser a exceção a uma regra a que nem grupos mais poderosos — como a pop art americana — puderam (ou quiseram) escapar.

**Pioneirismo** — Carioca, 35 anos, Oiticica começou a carreira em meados da década de 50, como membro do Grupo Frente, do Rio, integrado também por Lígia Clark, Lígia Pape, Franz Weissmann e Aluísio Carvão. Em 1959, também no Rio, foi um dos fundadores do grupo Neo-Concreto. E, em 1960, foi o mais jovem participante da Exposição Internacional de Arte Concreta organizada em Zurique por Max Bill — um dos papas de uma arte “racional”, equilibrada, cujo objetivo não é a emoção.

A emoção tornou-se, porém, parte essencial da obra de Oiticica desde a dé-



Oiticica: agora, a fatia do bolo

DAVID ZINGG



Entre 1957 e 1958: os guaches exatos de uma disciplina rigorosa

cada de 60. Abandonando as superfícies em duas dimensões, ele partiu de maneira decidida para uma arte de participação sensorial em que foi, sem dúvida, um dos pioneiros mundiais. E só a inexistência de uma máquina promocional brasileira explica que não se tenha denunciado na época esse fato. Os “Parangolés”, lançados em 1965, eram uma espécie de capas, que o público vestia durante manifestações coletivas muito mais próximas, evidentemente, de escolas de samba, reisados e candomblés do que dos frios cálculos dos herdeiros de Max Bill. Em 1966, Oiticica montou no MAM (Rio) uma “Sala de Sinuca”, inspirada na atmosfera do famoso quadro “Café Noturno” de Van Gogh (“Um lugar onde se poderiam cometer crimes”, segundo o próprio pintor). E, desde 1967, lançou-se, com “Tropicália” e “Penetráveis”, à criação de ambientes a serem percorridos pelo espectador. Foram essas últimas obras que despertaram a atenção da crítica internacional e acabaram levando Oiticica para o exterior. Hoje ele mora em Nova York.

Numa de suas transições, entretanto (entre 1957 e 1958), Oiticica realizou algumas obras mais bem comportadas, como os quarenta guaches agora expostos. São trabalhos geométricos, que usam poucas cores e demonstram uma técnica apuradíssima no emprego do guache. Mas não despertam grandes entusiasmos. Seu maior interesse é testemunharem um

momento de disciplina rigorosa em um artista habitualmente agitado e inventivo.

**Avanço** — Por trás dos guaches de Oiticica, fica, porém, a mais importante revelação desta mostra. Com ela, Ralph Camargo, 29 anos, pretende começar um assédio sistemático ao mercado de arte tradicional — impondo, nele, os valores de vanguarda até agora omitidos. “Quero fazer da minha uma galeria com uma linguagem, isto é, com uma linha seletiva. Venderei o que possa haver de melhor em arte efetivamente contemporânea, e pelo menor preço. Há grandes injustiças a serem reparadas: a própria Lígia Clark, Oiticica e, sobretudo, o pintor paulista Ermelindo Fiamminghi, que já empregava retículas ampliadas muito antes do francês Jacquet — hoje consagrado”, diz Ralph.

Sua intenção não pode ser contestada. O mais curioso, porém, é que, com ela, a vanguarda de dez anos atrás deixa de ser iconoclasta e invendável. Vira um tranqüilo artigo de consumo que disputa uma fatia do bolo servindo-se dos mesmos processos de promoção de seus agora concorrentes. Esta exposição, por exemplo, foi lançada por um brilhante anúncio, que começava afirmando, em quase uma página: “A arte está morta”. Com o que não concorda, por certo, quem procura ascender ao mercado.

● Olívio Tavares de Araújo